



**DIREITO
AO ÓCIO E À
EXPROPRIAÇÃO
INDIVIDUAL**

SEVERINO DI GIOVANNI

TRADUZIDO PARA O
PORTUGUÊS POR
EDIÇÕES INSURRECTAS
OUTONO DE 2022,
EM ALGUM LUGAR DO
TERRITÓRIO DOMINADO
PELO ESTADO
BRASILEIRO.

DISPONÍVEL EM
EDICOESINSURRECTAS.NOBLOGS.ORG

**INCITAMOS À PIRATARIA,
ODIAMOS A PROPRIEDADE
E QUEM A DEFENDE!**



O direito ao ócio e à expropriação individual foi publicado originalmente nas páginas de *L'Aldunata dei Refrattari*, jornal anarquista de perspectiva insurrecional impresso em língua italiana entre 1922 e 1971 em Nova Iorque. A versão do texto em espanhol foi difundida na cidade de Montevideu em 1933 nas páginas do jornal *Afirmación* sob o pseudônimo Briand (utilizado por Severino di Giovanni). O jornal *Afirmación* era editado por Miguel Ramos, que teve de sair de Buenos Aires (onde o jornal foi inicialmente publicado) e atravessar o Rio da Prata sentido Montevideu para se exilar após o golpe militar dado pelo verme-general Uriburu em setembro de 1930. Mesmo após o golpe, Severino decidiu seguir em Buenos Aires, onde continuou realizando expropriações, ataques explosivos direto aos símbolos do Estado e do capitalismo, bem como escrevendo e publicando textos anarquistas.

A intensidade das ações, a indocilidade própria das táticas insurrecionais anárquicas e a dificuldade do Estado em capturá-lo, o transformou em um dos principais alvos das polícias do Rio da Prata. Após uma intensa perseguição que durou anos, o Estado argentino conseguiu prendê-lo e assassiná-lo no paredão de fuzilamento no dia 1 de fevereiro de 1931, dois anos antes da publicação do texto em espanhol, que, portanto, foi difundido postumamente.

O material que publicamos aqui foi escrito há quase 100 anos, ou seja, em um contexto diferente do de hoje, no qual o capitalismo tinha como base o trabalho braçal e ainda não existiam noções contemporâneas como trabalho "criativo" e "intelectual", próprias do neoliberalismo. Mesmo assim, entendemos que o texto segue extremamente atual e necessário, já que, seja nas fábricas do início do século XX ou nas empresas do século XXI, a exploração e o domínio sobre os corpos se mantêm.

O DIREITO AO ÓCIO E À EXPROPRIAÇÃO INDIVIDUAL

SEVERINO DI GIOVANNI

Você que faz um trabalho que gosta, você que tem uma ocupação independente e a quem o jugo do patrão não incomoda; você também que se submete resignado ou covardemente à sua condição de explorado: como se atreve a condenar assim, tão severamente, quem passou ao plano de ataque contra o inimigo? Queremos te dizer apenas uma coisa: "Silêncio!" Por honestidade, por dignidade, por ferocidade.

– Você não sente o sofrimento deles? Cale a boca! – Você não tem a audácia deles? Então, novamente cale a boca! Cale a boca, porque você não conhece as torturas de um trabalho e a exploração que eles odeiam. Há muito tempo se reivindica o direito ao trabalho, o direito ao pão, e, francamente, estamos nos embrutecendo no trabalho. Não somos nada mais do que lobos em busca de trabalho – duradouro, fixo – e todo o nosso empenho é direcionado para conquistá-lo. Estamos na pesca contínua e obsessiva por trabalho.

Essa preocupação, essa obsessão nos oprime, nunca nos deixa. E não é que se ame o trabalho. Pelo contrário, o odiamos, o amaldiçoamos: o que não nos impede de sofrer e persegui-lo por todas as partes. E enquanto praguejamos contra ele, o detestamos porque ele nos escapa, porque é inconstante, porque nos abandona depois de um curto período de tempo: seis meses, um mês, uma semana ou apenas um dia. E eis que a semana passou, o dia se foi, a busca começa novamente com toda a humilhação que ela entranha em nossa dignidade; com o escárnio que se faz com nossa fome: com a ofensa ao nosso orgulho de pessoas conscientes deste ultraje, afrouxando e pisoteando nossos direitos rebeldes de anarquistas.

Nós anarquistas sentimos a humilhação dessa luta para fugir da fome e sofremos a ofensa de ter de implorar um pedaço de pão que nos é concedido de vez em quando como uma esmola e sob a condição de renegar nosso anarquismo ou jogá-lo no porão das coisas inú-

teis (se não quiser usar meios ilegais para defender seu direito à vida, somente restará o cemitério como lugar de descanso), e sofreremos mais porque temos a consciência da injustiça realizada contra nós.

Porém, aonde nosso sofrimento é aumentado até adquirir aspectos trágicos é no desvendar da vergonhosa comédia da falsa piedade que ocorre ao nosso redor, nos mordemos de raiva por nossa impotência e também por nos sentirmos um pouco vis – o que às vezes é justificado, mas que quase sempre não tem justificação alguma frente à essa inócua e cínica hipocrisia que nos faz, nós trabalhadores, passarmos como os beneficiados quando na verdade somos os benefiteiros; que nos coloca em uma situação de mendigos a quem a fome é removida por misericórdia, enquanto na realidade somos nós que damos de comer a todos os parasitas e buscamos o bem-estar que gozam: que consumimos nossas vidas entre os horrores das privações para saturar de gozo a deles, para permitir suas expansões, seus prazeres, seu ócio, tendo consciência da privação que nos submete. Querem nos proibir até a possibilidade de sorrir ante as maravilhas da natureza, pois nos consideram como instrumentos, nada mais do que instrumentos, para embelezar sua vida de parasita. Nos damos conta de toda a insensatez de nossos desejos; sentimos o trágico, ou melhor dizendo, o ridículo de nossa situação: amaldiçoamos, nos consideramos loucos e nos sentimos vis, mas mesmo assim continuamos sob a influência (como qualquer mortal) do ambiente que nos rodeia, que nos envolve em uma teia de desejos frívolos, de ambições mesquinhas de "pobres cristãos" crentes em melhorar um pouco suas condições materiais, elevando o preço de nossa carne e de nosso sangue deixados nas engrenagens do mecanismo social. E, apesar disso, nós, por necessidade ou sugestão coletiva, nos deixamos arrastar pelo redemoinho da loucura comum.

Se quebram as forças que nos fazem pessoas íntegras em nossa consciência, com a qual vemos claramente as coisas e sabemos que nunca conseguiremos, por esse caminho, destruir as correntes que nos mantêm escravos, porque não se destrói a autoridade colaboran-

do com ela, nem se diminui o poder ofensivo do capital ajudando alguém a acumulá-lo com nosso trabalho, com nossa produção; quebradas essas resistências, começamos a acelerar o passo e rapidamente estamos no caminho veloz, louco caminho sem sentido e nem fim que não nos conduz à nenhum lugar a não ser o das soluções transitórias, sempre em vão e inúteis. O que dizer? Ávidos de ganância? Sugestão do ambiente? Insensatez? De tudo um pouco, apesar de sabermos que com nosso trabalho, sob as condições do sistema capitalista, não resolveremos nenhum problema essencial de nossas vidas, salvo em casos particulares e condições especiais.

Cada aumento de nossa atividade neste sistema social não tem outro resultado do que um aumento de nossa exploração. Impostos são aqueles que afirmam ser a riqueza o resultado do trabalho, do trabalho honesto e individual. Vamos em frente. Por qual motivo se deter em refutar os sofismas de certas teorias econômicas que não são sinceras ou honradas e que só convencem aos pobres de espírito – desgraçadamente são a maioria da sociedade –, que não perseguem outro propósito do que encobrir interesses escusos com a aparência da legalidade e do direito. Todos vocês sabem que o trabalho honrado, o trabalho que não explora os outros, nunca criou, no atual sistema, o bem-estar e muito menos a riqueza de alguém, pois ela é fruto da usura e da exploração, as quais não se diferenciam do crime a não ser em seu formato.

Além disso, não nos interessa um relativo bem-estar obtido pela extenuação de nossos músculos e de nosso cérebro: queremos, sim, o bem-estar adquirido pela posse completa, absoluta do produto de nosso esforço, a posse incontrastável de tudo aquilo que seja criação individual. Estamos, então, consumindo nossas existências totalmente em benefício de nossos exploradores, perseguindo um bem-estar material ilusório, eternamente fugidio, jamais realizável de uma maneira concreta e estável, pois a liberação da escravidão econômica não poderá chegar a nós por meio de um aceleração de nossa atividade na produção capitalista, mas na criação consciente, útil e com

a posse de tudo o que se produz. É falso dizer "uma boa recompensa, um bom salário por uma boa jornada de trabalho". Essa frase explicita que deve existir quem produz e quem se apodera do produto, e que depois de tirar uma boa parte para si – mesmo não tenham participado de sua produção – distribui, com base em critérios e princípios absurdos, inteiramente arbitrários, aquilo que acha conveniente dar à pessoa que verdadeiramente produziu.

Estabelece a retribuição parcial, o roubo, a injustiça: consagra, portanto, de fato, a exploração. O produtor não pode aceitar a retribuição parcial como base equitativa e justa. Somente a posse íntegra pode estabelecer as bases da justiça social. Por consequência, toda nossa colaboração com a produção capitalista é um consentimento e uma submissão com a exploração que se exerce sobre nós. Cada aumento da produção é um nó a mais em nossas correntes, é agravar a nossa escravidão. Quanto mais trabalhamos para o patrão, mais consumimos nossa existência e nos encaminhamos rapidamente para um rápido fim. Quanto mais trabalhamos, menos tempo nos resta para dedicarmos às atividades intelectuais ou ideais; menos podemos aproveitar a vida, suas belezas, as satisfações que ela pode nos oferecer; menos desfrutamos das alegrias, dos prazeres, do amor.

Não se pode pedir a um corpo cansado e consumido que se dedique ao estudo, que sinta o encantamento da arte: poesia, música, pintura, nem mesmo que tenha olhos para admirar as infinitas belezas da natureza. Um corpo exausto, extenuado pelo trabalho, esgotado pela fome e pela tuberculose, não tem mais apetite a não ser para dormir e morrer. É uma ironia torpe, uma ofensa sangrenta, afirmar que uma pessoa, depois de oito ou mais horas de um trabalho manual, ainda tenha em si forças para se divertir, para gozar em uma forma elevada, espiritual. Depois de uma abrumadora tarefa possui somente a passividade de se embrutecer, pois para isso não necessita mais do que se deixar cair, arrastar. Apesar de suas hipócritas historinhas, o trabalho na atual sociedade não é mais do que uma condenação e uma abjeção.

É uma usura, um sacrifício, um suicídio. O que fazer? Concentrar nossos esforços para diminuir essa loucura coletiva que caminha para o enervamento. É preciso colocar quem produz em atenção contra esse impulso fatigante, tão inútil quanto idiota. É necessário combater o trabalho material, reduzi-lo ao mínimo, tornar-nos vagabundos enquanto vivamos no sistema capitalista sob o qual devemos produzir. Ser trabalhador honrado, hoje em dia, não é nenhuma honra, é uma humilhação, uma bobagem, uma vergonha, uma vileza.

Nos chamarem de “trabalhadores honrados” é nos sacanear, nos provocar; é, depois do dano, zombar com a nossa cara. Ó, soberbos e magníficos vagabundos que sabem viver à margem das conformações sociais, eu os saúdo! Humilhado, admiro vossa firmeza e vosso espírito de insubmissão, e reconheço que têm muita razão em gritar: “é fácil se acostumar com a escravidão!” Não! O trabalho não redime, mas embrutece. Os belos cantos às massas ativas, laboriosas, pujantes; os hinos aos músculos vigorosos: as aladas perorações ao trabalho que enobrece, que eleva, que nos libera das más tentações e de todos os vícios, não são mais do que pura fantasia de pessoas que nunca usaram um martelo ou o bisturi, de pessoas que nunca encurvaram o lombo sobre uma bigorna, que jamais conquistaram o pão com o suor de sua testa.

A poesia consagrada ao trabalho manual não é mais do que um escárnio e um engano que nos deveria fazer rir ou nos encher de indignação e rebeldia. A beleza do trabalho... o trabalho que eleva, enobrece, redime...! Sim, sim! Olhe lá longe. São os operários que saem das fábricas, que surgem das minas, que abandonam os portos, os campos, depois da jornada de trabalho. Olhe, veja apenas se suas pernas podem suportar aqueles corpos descadeirados. Observe essas caras pálidas, murchas, exaustas.

Veja esses olhos tristes, moribundos, sem luz, sem vitalidade. Ah, os belos e potentes músculos... a alegria dos corações pelo trabalho que enobrece! Entre naquela fábrica e veja as pessoas em suas atividades. Encrustadas como parte integrante da máquina, estão limita-

das a repetir mil, dez mil vezes o mesmo movimento, automaticamente, como a máquina, praticamente sem que seja necessária uma intervenção de seu cérebro. Poderiam muito bem terem deixado em suas casas, já que uma vez colocados em seus postos, continuariam igualmente os seus trabalhos. Não conservam nada da própria personalidade, da própria individualidade. Não são seres sensíveis, pensantes, criadores. Não são mais que coisas sem espiritualidade, sem impulso próprio. Vão porque todo mundo vai. Se movem em um ritmo uniforme, igual, sem independência. Lhes foi ordenado executar aquele movimento e devem fazer isso hoje, amanhã... sempre, como as máquinas! Chegamos à destruição completa da personalidade humana em oitenta por cento da produção moderna.

Já não se encontram mais artesãos, artistas. A produção capitalista não precisa dessas pessoas. Se inventaram coisas para cada necessidade e máquinas para fazer de tudo; chegamos ao ponto de criar novas necessidades para poder fabricar novos produtos. Na realidade, é isso o que se faz e por isso que a vida sempre vai se complicando mais, assim como viver se torna cada dia mais difícil. A estética das coisas foi suprimida e não se cria mais do que coisas em série, aos montes. Se educou os gostos em linhas gerais; se disseminou nos indivíduos qualquer originalidade artística, qualquer capricho diferente, e se alcançou – ó, prodígio da propaganda! – apeteer em todas as pessoas aquilo que convém aos capitalistas fabricar: a mesma coisa para cada individualidade distinta.

Já não se tem necessidade de seres que criam, mas de entes que fabricam; já não existe – ai! – artistas, operários intelectuais; somente sobram trabalhadores manuais. Não se coloca mais a nossa inteligência à prova; pelo contrário, se foca em ter bons músculos, em ser uma pessoa vigorosa. Não se mira muito no que se sabe, mas em quanto pode produzir. Não são vocês que fazem a máquina funcionar, é a máquina que os faz marchar. E ainda que pareça paradoxal! – e não é mais do que a pura realidade – é também a máquina que “pensa” o

que deve ser feito, restando a vocês somente a obrigação de servi-la, de fazer o que ela os ensina.

Ela é o cérebro e vocês são o braço; ela é a matéria pensante, criadora, e vocês a matéria bruta, autômata: ela, a individualidade, vocês a ... máquina. Horror! Se uma só individualidade se introduzisse no funcionamento da fábrica da Ford, por exemplo, ela destruiria toda a engrenagem da produção. Os operários não são mais do que prisioneiros. Ou, se serve de consolo, aquartelados nas fábricas. Todos marcham no mesmo passo; todos fazem – apesar da variedade dos objetos – os mesmos movimentos. Não encontramos mais nenhuma satisfação nos trabalhos que fazemos; não nos apaixonamos por eles, pois nos sentimos completamente estranhos a eles. Seis, oito, dez horas de trabalho, são seis, oito, dez horas de sofrimento, de angústia. Não amamos o trabalho; o odiamos. Não é nossa liberação, é nossa pena! Não nos eleva e libera dos vícios; nos abate fisicamente e nos aniquila moralmente a um extremo que nos deixa incapazes de escapar dele. Será necessário realizar esses trabalhos, eu sei, mas será sempre com má-vontade se se quer manter também amanhã o atual sistema por economia de esforços. Será sempre sofrendo, mesmo quando a jornada for reduzida a menos horas de trabalho.

Eu não sei o que os animais pensam sobre a carga colocada sobre seu lombo; mas sei pelo que observo e sinto: as pessoas não executam com alegria, com verdadeira satisfação maior que os trabalhos intelectuais, artísticos. Se ao menos não considerassem seu sacrifício um desperdício e algo inútil, elas se armariam de coragem e seu cansaço pareceria menos amargo, menos doloroso. Porém, quando observa que todo seu esforço é desperdiçado, que não é se não trabalho de Sísifo, com inumeráveis desastres e sacrifícios em cada queda, então a coragem foge de seu coração e em cada ser consciente, em cada ser sensível e humano, o ódio se acende contra esse bárbaro e criminoso estado de coisas. A aversão e a rebeldia contra o trabalho são inevitáveis.

Se compreende, então, que existam as inconformadas que não querem se dobrar a essa escravidão repugnante. Se compreende que existam os vagabundos indomáveis que preferem a incerteza de seu amanhã – a maioria das vezes sem as míseras migalhas concedidas ao trabalhador constante – antes que se submeter a este sistema humilhante. Se compreende a boemia incorrigível, sem gênio se quiser, mas que não forma parte do cortejo humilhante dos arias... E se compreende, também, os grandes preguiçosos, os ociosos ideais que, passam sua vida em completa irmandade com a natureza, gozando ao contemplar as maravilhosas auroras, os melancólicos crepúsculos, enchendo o espírito de melodias que só podem ser adquiridas com uma vida simples e livre, impondo silêncio às imperiosas necessidades da fome por não cair na escravidão na qual nós estamos afundados.

Sentados à beira do caminho, observam com infinita tristeza, com profunda piedade, a caravana escura que todos os dias caminha dócil e se desfaz até as fábricas – prisões que os engolem já exaustos e os devolvem pela noite como cadáveres. E eles fogem, esses idealistas ociosos fogem com o coração oprimido diante de tanta estupidez, tanta miséria, tanta loucura.

Fogem para a vida livre, indócil, não conformista, dizendo ao seu coração que antes de se submeter cada dia a esta vida miserável, vil e privada de elevação e espiritualidade, a morte é preferível. Odiar o trabalho manual no regime capitalista não significa ser inimigo de toda atividade, como aceitar a expropriação individual não se equivale a declarar guerra ao trabalhador-produtor, mas ao capitalista-explorador. Essas pessoas, vagabundas idealistas a quem tanto admiro, têm uma atividade, vivem uma vida espiritual, riquíssima em experiências, observações, prazeres. São inimigas do trabalho, pois entendem que, em grande parte, seus esforços seriam desperdiçados; não podem, portanto, se submeter à disciplina que essa espécie de atividade exige e não querem tolerar que se faça delas uma máquina sem cérebro, que, no fim, se mate nelas sua personalidade, elemento que mais apreciam.

Entre esses vagabundos espirituais – refratários à domesticação e disciplina capitalistas –, é necessário buscar os expropriadores, os partidários da expropriação individual, aqueles que não querem esperar que as massas estejam preparadas e dispostas a cumprir o ato coletivo de justiça social. Estudando bem os matizes psicológicos, éticos e sociais que determinam essa atitude deles, saberemos compreender, justificar e apreciar melhor seus atos e também defendê-los dos ataques biliosos de muitos daqueles que, mesmo compartilhando das mesmas ideias sobre muitos outros problemas, se esforçam para tascar lama sobre esses impacientes que não sabem se resignar e esperar o dia da redenção coletiva.

O direito à expropriação individual não pode ser negado baseando-se sobre um certo direito coletivo à expropriação. Se fossemos socialistas ou comunistas-bolcheviques, poderíamos negar ao indivíduo o direito de se apropriar – pelos menos que considere mais conveniente – daquela parte da riqueza que pertence a ele enquanto produtor. Porque os bolcheviques e os socialistas negam a propriedade individual e admitem somente uma forma de propriedade: a coletiva. Entretanto, esse não é o caso dos anarquistas, sejam individualistas ou comunistas, pois todos retórica e praticamente admitem tanto a posse individual quanto coletiva. E se se admite o direito à posse individual, como poderia negar ao indivíduo o mesmo direito de se servir dos meios que acredite serem melhores para possuir o que lhe pertence?

Cada pessoa possuidora (e isso seria a classe produtora frente à capitalista) toma pela garganta seu devedor na hora e na forma que mais lhe convenha, e se faz restituir seu produto – o qual lhe foi tirado com o engano e com violência – no menor tempo possível. O indivíduo, baseando-se na liberdade – e a liberdade é a doutrina da anarquia –, é o único e só árbitro e juiz neste ato de restituição.

Admitiu-se a oportunidade e a necessidade de um ato coletivo, de uma revolução social para expropriar a burguesia, e o indivíduo, ainda individualista, associou-se voluntariamente a essa ideia, porque

era crença geral que um esforço coletivo nos livraria mais facilmente da escravidão econômica e política.

Mas há anos essa confiança tem diminuído em muitos anarquistas. Teve de se admitir, finalmente, que uma verdadeira liberação, profunda e anárquica, que começará na consciência das massas - com a certeza de nunca voltar -, do fetiche pela autoridade e de um estado de coisas que não viole a liberdade de pessoa, necessita forçosamente de uma longa preparação cultural, portanto, muitos anos ainda de sofrimento sob a exploração capitalista. Daí derivou que muitas pessoas rebeldes entre nós, que, a princípio, adotaram a ideia de uma revolução expropriadora, tenham dito - sem se dissociar por isso do necessário trabalho de preparação revolucionária - que tal espera significava o sacrifício de toda sua vida, consumida em condições odiosas e bestiais, sem nenhuma alegria, sem nenhum prazer, e que a satisfação moral de uma luta realizada em prol da liberação humana não era suficiente para suas próprias penas. "Não temos mais que uma vida - disseram eu seu coração - e ela chega ao fim com a rapidez de um relâmpago".

A existência do homem com relação ao tempo não é verdadeiramente mais do que um instante fugaz. Se nos esfuma este instante, se não sabemos extrair dele o sumo que, em forma de alegria, ele pode nos dar, nossa existência é em vão e desperdiçamos uma vida cuja perda não será ressarcida pela humanidade. Portanto, é hoje que devemos viver, não amanhã. É hoje quando temos direito à nossa parte de prazeres e o que hoje perdemos não será restituído no amanhã: está definitivamente perdido. Por isso, é que hoje queremos gozar nossa parte, é por isso que hoje desejamos ser felizes. Porém, a felicidade não será alcançada na escravidão. A felicidade é um dom da pessoa livre, dona de si mesma, dona de seu destino; é o supremo dom da pessoa que se nega a ser besta de carga, resignada besta que sofre, produz e está privada de tudo.

A felicidade é obtida no ócio. Também é adquirida com o esforço, mas com o esforço útil, com o esforço que procura maior bem-estar -

esse esforço que aumenta a variedade de minhas aquisições, o que me eleva, o que realmente me redime. Não há, portanto, felicidade possível para a pessoa que trabalha que ao longo de toda a sua vida está ocupada resolvendo o terrível problema da fome. Não há felicidade possível para o pária que não tenha outra preocupação do que seu trabalho, que não tenha mais do que o tempo dedicado ao trabalho. Sua vida é muito triste, bem desoladora, e para poder suportá-la, aceitá-la sem se rebelar, é necessário uma grande coragem ou uma grande dose de covardia. Do desejo de viver, do desespero íntimo e profundo que nos coloca frente à perspectiva de uma vida inteira consumida para o benefício de pessoas indignas, da desolação sentida pela perda de esperança em uma salvação coletiva durante a trajetória fugaz de nossa breve existência: é disso que a rebelião individual é formada; é esse o fogo que está alimentando os atos de expropriação individual.

Triste, muito triste, é a vida do trabalhador inconsciente; mas, ai de mim! ...a vida do anarquista é verdadeiramente trágica. Se você não sentir todos os sofrimentos, todo o desespero da sua situação trágica, permita-me dizer que você tem pele de coelho e que o jugo não é tão ruim. E se o jugo não pesar; se por sua situação particular você não sente o abuso direto do patrão; se, apesar de todas as suas lamentações superficiais, você não pode viver sem trabalho, pois você não sabe como ocupar suas horas de lazer, e na ausência de trabalho manual, você se aborrece terrivelmente; se você souber como aguentar a disciplina diária da fábrica, respeitar as contínuas reprovações dos capatazes imbecis ou malvados, se arrebentar primeiro de trabalhar e depois de fome sem sentir vontade de abraçar o mais odiado dos criminosos para chamá-lo de irmão e não sentir ternura pelo ofício do carrasco, você não atingiu o grau necessário de sensibilidade para entender os sofrimentos espirituais e razões sociais que determinam os atos de expropriação individual dos quais eu falo e menos ainda tem o direito de condená-los.

Porque não só a anarquista constata tudo o que é odioso num trabalho bestial, criminoso e não poucas vezes inútil para o seu próprio bem e o da humanidade; não apenas ela mesmo é obrigado a participar da manutenção de sua própria escravidão, a de companheiros e a do povo em geral, mas deve realizar esse trabalho em uma forma e condições tão horríveis, tão insuportáveis e cheias de perigos que sua vida se sente ameaçada a cada momento da longa jornada; porque o seu trabalho, certos trabalhos que algumas categorias de trabalhadores devem desempenhar (e digo “categorias” porque há vários trabalhadores que desconhecem a bestialidade e o terrível perigo de certos trabalhos desempenhados por outras pessoas), não implicam apenas uma verdadeira escravidão, mas também se assemelham a um verdadeiro suicídio. No fundo das minas, ao lado das máquinas monstruosas, nas fundições infernais, no meio de produtos insalubres, a morte está sempre à espreita.

Corpos que ficaram tuberculosos, pulmões envenenados, membros dilacerados, corpos curvados, olhos privados de luz eterna, crânios esmagados, é isso que os honrados trabalhadores, aos milhares, ganham com seu suado pão. E nenhuma piedade para eles, nenhuma moral, nenhuma religião para comover o aproveitador que junta seus milhões amassados com crimes diários cometidos para obter um pouco mais de benefício, para levar alguns centavos a mais. É necessário, portanto, cercá-lo de nossa ternura, esvaziar nosso depósito de lágrimas diante da má sorte que pode cair sobre a cabeça dessas pessoas devido ao ato forçado de uma das nossas! É verdade que devemos nos mostrar pessoas boas, humanas, generosas quando se trata de respeitar a bolsa ou a pele de nossos inimigos, e boas bestas quando nossos inimigos nos fazem arrebentar. Então, individualmente, não temos o direito de tomar em nossas mãos a espada da justiça sem consentimento coletivo? “– Não viole a virgindade moral comum com seus ainda não santificados pecados! Um pouco mais de paciência, irmãos meus, que o reino do Senhor virá para todos!”; “Se vocês têm fome, rosнем, mas quietos: nós ainda não estamos prontos. Se os agrirem, rosнем, mas não se movam: ainda temos correntes nos pés.

Se os massacram depois de tê-los roubado, calma aí! Vire o rosto para o ladrão, nós os proclamaremos heróis. Mas se querem recuperar o dinheiro sem nosso consentimento, ainda que fosse unicamente por seu próprio risco, não faça, caso contrário não serão mais do que bandidos vis. É a moral, nossa moral”. Merda então! E me será permitido fazer uma pergunta: quando o capital me rouba e me faz passar fome, quem é roubado e quem passa fome: eu ou a comunidade? Eu? E por que, então, só a coletividade terá o direito de atacar e se defender? Eu sei que a ação do expropriador pode se prestar a muitas interpretações falsas, a muitos equívocos. Mas a culpa de tudo isso, a responsabilidade pela falsificação dos motivos éticos, sociais e psicológicos que determinaram e determinam — na maior parte — os atos individuais de expropriação, incide principalmente — em grande medida — na má-fé dos seus críticos.

Nem por isso quero sustentar que todos seus críticos são de má-fé, pois sei muito bem que existe uma grande parte de companheiros que acreditam sinceramente que esses atos são nocivos aos fins imediatos de nossa propaganda. Quando falo de má-fé quero me referir aqueles anarquistas tão sectários e *individuo-fóbicos*, que a cada ato de expropriação começam a chamá-lo de “roubo”, querendo com isso negar ao gesto qualquer base social e eticamente justificável desde o ponto de vista anarquista, para associá-lo e colocá-lo no mesmo campo de todos os indivíduos vulgares e inconscientes (em grande parte também desculpáveis, pois são produtos genuínos do sistema atual) que se tornam ladrões com a mesma indiferença que fariam o papel de verdugo se esta última profissão lhes proporcionasse aquilo que buscam. No entanto, estou longe de justificar sempre e em todas as circunstâncias o expropriador. Uma coisa que considero repreensível em um certo número de expropriadores é a corrupção a que se entregam quando um bom golpe dá certo. Em alguns casos, reconheço, as críticas e condenações são bem justificadas, mas, apesar de tudo isso, ela não pode ir além daquela feita ao bom trabalhador que consome seu salário na embriaguez e nos bordéis, fato que, infelizmente, acontece ainda e com demasiada frequência entre os nossos. Tem sido

dito por alguns críticos que a apologia ao ato individual engendra em certos anarquistas um utilitarismo mesquinho, uma mentalidade estreita e em contradição com os princípios da anarquia, uma suposição tão fantasiosa como dizer que todo anarquista que tem contato com elementos não anarquistas acaba pensando de modo anti-anárquico. Mas há uma coisa que não quero deixar de dizer: como a expropriação é um meio de escapar individualmente da escravidão, os riscos devem ser assumidos individualmente, e os camaradas que praticam a expropriação *per se* perdem todo o direito – embora exista para outras atividades anarquistas, e eu acho que não - reivindicar a solidariedade de nosso movimento quando eles caem em desgraça.

Minha intenção neste estudo não é fazer uma apologia a este ou aquele fato, mas sim chegar às raízes do problema, defender o princípio e o direito à expropriação, e o mau uso que certos expropriadores fazem do fruto de suas ações não destrói o fato em si, pois o fato de existirem canalhas perfeitos que se dizem anarquistas não destrói o conteúdo ideológico da anarquia. Examinemos uma acusação mais grave, a condenação máxima: aquela que sustenta que atos de expropriação individual atentam contra os princípios anarquistas. Os expropriadores foram chamados de parasitas, e é verdade! São parasitas; eles não produzem nada. Mas são parasitas involuntários, forçados, porque na sociedade atual não pode haver mais do que parasitas ou escravos. Não há dúvida de que são parasitas, mas o que ninguém pode fazer é chamá-los de escravos.

Os escravos, por outro lado, em sua maioria, também são parasitas muito mais custosos do que eles. E o parasitismo dessa maioria de produtores é muito mais imoral, covarde e humilhante do que o dos expropriadores. Você vai chamar de produtor um trabalhador honesto ou um parasita alguém que é empregado na fabricação de joias, tabaco, álcool ou envolvido em *nel far la... serva al prete?* (atuar como servente de um padre). Me dirão que este parasitismo também é imposto, que a necessidade de viver nos obriga, a despeito de nós mesmos, a nos submetemos a esta atividade negativa e nociva. E com

essa pobre desculpa, com esse pretexto covarde, eles ganham o nosso pão de modo vergonhoso e até criminoso.

Verdadeira cumplicidade no delito; criminalidade não inferior à do primeiro responsável: a burguesia. E afinal, você pode negar que se recusar a colaborar nos meandros desse regime criminoso não é muito mais anárquico que o primeiro? Você pode negar, por acaso, que dois terços da população de nossas metrópoles sejam parasitas? É inegável que, se apenas quem se dedica à produção verdadeiramente útil é contado como alguém que produz, grande maioria da humanidade deve ser considerada parasita. Quer trabalhem ou não, se não pertencem à categoria dos camponeses ou às poucas categorias verdadeiramente úteis, só podem ser parasitas, mesmo que pensem que são trabalhadores honestos. Entre o trabalhador-parasita que se submete à escravidão econômico-capitalista e o expropriador que se rebela, prefiro este último.

Este é um rebelde em ação, o outro é um rebelde que late, mas... não morde, ou morderá apenas no dia da santíssima redenção. Dividido o esforço entre toda a comunidade, duas ou três horas de trabalho por dia seriam suficientes para produzir todo o necessário para se levar uma vida confortável. Temos, portanto, o direito ao ócio, ao descanso. Se o atual sistema social nos nega esse direito, ele deve ser conquistado por qualquer meio. É triste, na verdade, ter de viver do trabalho dos outros. Vive-se a humilhação de sentir-se igual aos parasitas burgueses, mas também se saboreia grandes satisfações. Parasitas sim; mas não bebem os amargos excrementos da conhecida vileza, da consentida expressão, não sentem os tormentos de se reconhecerem como um daqueles que, humilhados, estão amarrados ao carro do vencedor, regando a estrada com o próprio sangue; um daqueles que oferecem riquezas aos parasitas e passam fome sem ousar se rebelar; um daqueles que constroem palácios e vivem em barracos, que cultivam trigo e não podem matar a fome de seus filhos; alguém da multidão anônima e degradada que se levanta por um segundo ao receber o golpe do amo, mas que se submete todos os dias,

se conforma com o status social atual e, abandonando sua atitude momentânea, tolera, ajuda e executa todas as infâmias, todas as baixezas. Não produtores, é verdade, mas não cúmplices. Não produtores, sim; ladrões se você quiser (se sua negligência precisar de outra ruindade para se consolar), mas não escravos. A partir de hoje, cara a cara, mostrando os dentes ao inimigo. A partir de hoje, temidos e não humilhados.

A partir de hoje, em estado de guerra contra a sociedade burguesa. Tudo, no atual mundo capitalista, é indignidade e delito; tudo nos envergonha, tudo nos causa náusea, nos dá asco. Se produz, se sofre e se morre como um cachorro. Deixe, pelo menos, ao indivíduo a liberdade de viver com dignidade ou de morrer como homem, se você quiser agonizar na escravidão. O destino de cada pessoa, já foi dito, é aquele que ela mesma sabe forjar; e hoje não há mais do que uma alternativa: ou em rebeldia ou em escravidão.



EDICOESINSURRECTAS.NOBLOGS